

Winnicott, D. W. A Criança e o
Seu mundo. Zahar Editores, R. J., 1975.

160

Assim, é importante que não se considere como ponto pacífico que os gêmeos querem passar a vida juntos.

Pode ser que sim, mas também pode ser que não, e eles poderão até ficar gratos à mãe, ou a algum acontecimento fortuito, como o sarampo, por exemplo, se forem separados, já que é muito mais fácil tornar-se uma pessoa integral estando sòzinha do que na companhia do próprio irmão gêmeo.

CAPÍTULO 22

Por que as Crianças Brincam

POR QUE as crianças brincam? Eis algumas das razões, óbvias, mas, talvez, dignas de análise.

A maioria das pessoas diria que as crianças brincam porque gostam de o fazer, e isso é um fato indiscutível. As crianças têm prazer em tôdas as experiências de brincadeira física e emocional. Podemos ampliar o âmbito de suas experiências fornecendo materiais e idéias, mas parece ser preferível fornecer essas coisas parcimoniosamente e não em excesso, visto que as crianças são capazes de encontrar objetos e inventar brincadeiras com muita facilidade, e isso dá-lhes prazer.

É comum dizer-se que as crianças "dão escoamento ao ódio e à agressão" nas brincadeiras, como se a agressão fôsse alguma substância má de que fôsse possível uma pessoa livrar-se. Isso é verdade em parte, porque o ressentimento recalçado e os resultados de experiências coléricas podem ser encarados pela criança como uma coisa má dentro dela. Mas é mais importante afirmar essa mesma idéia dizendo que a criança aprecia concluir que os impulsos coléricos ou agressivos podem exprimir-se num meio conhecido, sem o retôrno do ódio e da violência do meio para a criança. Um bom meio ambiente, sentiria a criança, deveria ser capaz de tolerar os sentimentos agressivos, se estes fôssem expressos de

uma forma mais ou menos aceitável. Deve-se aceitar a presença da agressividade, na brincadeira da criança, e esta sente-se desonesta se o que está presente tiver de ser escondido ou negado.

A agressão pode ser agradável, mas acarreta inevitavelmente o dano real ou imaginário de alguém, de modo que a criança não pode evitar ter de fazer frente a essa complicação. Até certa medida, isso é conseguido na origem, ao aceitar a criança a disciplina de exprimir o sentimento agressivo sob a forma de brincadeira e não apenas quando está zangada. Outro processo é usar a agressividade numa forma de atividade que tenha uma finalidade básica objetiva. Mas essas coisas só se conseguem gradativamente. Compete-nos não ignorar a contribuição social feita pela criança ao exprimir seus sentimentos agressivos através das brincadeiras, em lugar de o fazer em momentos de raiva. Poderemos não gostar de ser odiados ou feridos, mas não devemos ignorar o que está subentendido na autodisciplina, relativamente aos impulsos coléricos.

Conquanto seja fácil perceber que as crianças brincam por prazer, é muito mais difícil para as pessoas verem que as crianças brincam para dominar angústias, controlar idéias ou impulsos que conduzem à angústia se não forem dominados.

A angústia é sempre um fator na brincadeira infantil e, freqüentemente, um fator dominante. A ameaça de um excesso de angústia conduz à brincadeira compulsiva, ou à brincadeira repetida, ou a uma busca exagerada dos prazeres que pertencem à brincadeira; e se a angústia for muito grande, a brincadeira redundará em pura exploração da gratificação sensual.

Não é este o lugar adequado para demonstrar a tese de que a angústia está subjacente na brincadeira infantil. Contudo, o resultado prático é importante, dado que, enquanto as crianças brincam por prazer, pode-se-lhes pedir que parem de brincar, ao passo que a brincadeira lida com esses sentimentos de angústia ou de ansiedade, não podendo desviar dela as crianças sem lhes causarmos aflição, angústia

real ou novas defesas contra a mesma (tais como a masturbação ou a divagação).

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como as personalidades dos adultos se desenvolvem através de suas experiências da vida, assim as das crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e por adultos. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de exagerar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência.

Os adultos contribuem, neste ponto, pelo reconhecimento do grande lugar que cabe à brincadeira e pelo ensino de brincadeiras tradicionais, mas sem obstruir nem adulterar a iniciativa própria da criança.

No início, a criança brinca sòzinha ou com a mãe; as outras crianças não são imediatamente procuradas como companheiras. É em grande parte através da brincadeira, em que as demais crianças são ajustadas a determinados papéis preconcebidos, que uma criança começa a permitir às outras que tenham uma existência independente. Tal como alguns adultos fazem amigos e inimigos facilmente no trabalho, enquanto outros podem sentar-se numa casa de pensão durante anos e nada mais fazer senão cogitar por que será que ninguém parece dar-se conta deles, assim as crianças fazem também amigos e inimigos durante as brincadeiras, ao passo que não lhes é fácil consegui-los fora disso. A brincadeira fornece uma organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais.

A brincadeira, o uso de formas e artes e a prática religiosa tendem, por diversos mas aliados métodos, para uma unificação e integração geral da personalidade. Por exemplo,

pode-se facilmente ver que as brincadeiras servem de elo entre, por um lado, a relação do indivíduo com a realidade interior, e por outro lado, a relação do indivíduo com a realidade externa ou compartilhada.

Noutra maneira de encarar esse assunto altamente complexo, é nas brincadeiras que a criança liga as idéias com a função corporal. Seria vantajoso, a tal respeito, examinar a masturbação ou outras explorações sexuais a par da fantasia consciente e inconsciente que as acompanham, e comparar tudo isso com as brincadeiras verdadeiras, em que as idéias conscientes e inconscientes se equilibram, e em que as atividades corporais correlativas estão em suspenso ou então enquadradas à força no conteúdo da brincadeira.

É quando deparamos com o caso de uma criança cuja masturbação compulsiva está *aparentemente* isenta de fantasia ou, por outra parte, uma criança cuja divagação impulsiva está *aparentemente* livre de excitação corporal tanto localizada como generalizada, que podemos reconhecer mais nitidamente a tendência saudável que existe na brincadeira que relaciona mutuamente os dois aspectos da vida, ou seja, o funcionamento físico e a vivência das idéias. As atividades lúdicas são a alternativa para a sensualidade, no esforço da criança para manter-se íntegra. É sobrejamente conhecido que, quando a angústia é relativamente grande, a sensualidade torna-se compulsiva e a brincadeira se torna impossível.

Do mesmo modo, quando se nos depara uma criança em que a relação com a realidade interior não está conjugada com a relação à realidade exterior, por outras palavras, uma criança cuja personalidade está seriamente dividida a tal respeito, vemos com maior nitidez como a brincadeira (tal como o recordar e contar sonhos) é uma das coisas que propendem para a integração da personalidade. Uma criança com uma tão grave cisão da personalidade não pode brincar, pelo menos, em formas reconhecíveis, por parte dos outros, como relacionadas com o mundo.

Uma criança brincando pode querer tentar mostrar, pelo menos, uma parte tanto do interior como do exterior a pessoas escolhidas no meio ambiente. A brincadeira pode pre-

tender "ser uma prova de fraqueza e proibidade sobre a própria pessoa", tal como o vestir pode ser para um adulto. Isso pode-se converter, nos primeiros anos, no caso oposto, visto que o brincar, como o falar, foi-nos concedido, como é costume dizer para ocultar os nossos pensamentos, se é aos pensamentos mais profundos que nos referimos. O inconsciente reprimido deve-se manter oculto, mas o resto do inconsciente é algo com que cada indivíduo quer travar conhecimento e as brincadeiras, tal como os sonhos, servem à função de auto-revelação e de comunicação com o nível profundo.

Na psicanálise de crianças muito pequenas, esse desejo de comunicar-se através das brincadeiras é empregado em lugar da fala dos adultos. A criança de três anos de idade tem uma grande crença na nossa capacidade de compreensão, de modo que o psicanalista conhece enormes dificuldades para corresponder ao que a criança dele espera. Grande azedume pode sobrevir ao desapontamento da criança a tal respeito e não poderia haver maior estímulo para o analista em busca de uma compreensão mais profunda do que a aflição da criança perante o nosso fracasso em entendermos o que ela (confiante de início) comunica através da suas brincadeiras.

As crianças mais velhas estão comparativamente desiludidas a tal respeito, e para elas não constitui grande choque não serem compreendidas ou mesmo concluírem que podem trapacear e que a educação é, em grande parte, uma educação para a trapaça e a contemporização. Contudo, todas as crianças (e mesmo alguns adultos) conservam-se em maior ou menor grau capazes de recuperar a crença em serem compreendidas, e em suas brincadeiras podemos surpreender sempre a saída para o inconsciente e para a proibidade, a franqueza íntima, que tão curiosamente começa em plena floração na criança e depois vai murchando até tornar-se um reduzido botão.

Distúrbios da crença!